

Cardoso Pires vem ao Brasil lançar "Alexandra Alpha"

JAIR RATTNER

De Lisboa

O autor mais vendido em Portugal chega ao Brasil esta semana. José Cardoso Pires, 63, vai lançar em São Paulo, Rio e Brasília o seu último livro, "Alexandra Alpha". Em Portugal, "Alexandra Alpha" caminha para repetir o sucesso de seu antecessor, "Balada da Praia dos Cães": em nove meses vendeu 63 mil exemplares, batendo os recordes dos últimos dois anos.

Considerado um dos melhores escritores portugueses de hoje, Cardoso Pires foi influenciado pelo conto norte-americano, numa época em que imperava um neo-realismo de cunho mais sentimental. Com uma escrita em que ressalta a ligação entre ética e técnica artística, Cardoso Pires problematiza a leitura, chegando a pôr em cheque o próprio romance. Em sua casa a beira-mar, a 20 quilômetros ao sul de Lisboa, José Cardoso Pires falou à Folha.

★
Folha - Qual o seu processo de escrita? De onde você parte para escrever uma história? De uma idéia, uma frase, do enredo...

Cardoso Pires - Não sei. Dificilmente concebo um romance, um conto, como o contar uma história. É uma coisa que me custa a apanhar. Ora, a história é a tinta com que a gente depois vai se programando e dilatando. Acontece quase sempre o que não se espera. Porque em primeiro lugar eu penso que é preciso haver uma certa anarquia, porque se tem de dar liberdade para a escrita. Para mim, pessoalmente, o escrever é um diálogo, antes com um leitor ideal.

Folha - E esse diálogo começa como?

Cardoso Pires - Eu tenho a impressão que começa na primeira frase. A primeira frase de um livro é mesmo definitiva. É o resultado do que se está a fazer, do que se está a escrever e a representação que a escrita terá para o leitor. Com certeza, se a frase está bem, está certa ou está exata, se tem carga, aí



O escritor português José Cardoso Pires, durante sua visita ao Brasil em 1983

é só pegar essa discussão e ir até o fim. Penso que esse diálogo se prolonga para lá do livro. Quando se acaba o livro, fica sempre a sensação de que haveria mais a dizer sobre isso.

Folha - Esse leitor ideal, como é que você o imagina?

Cardoso Pires - Eu imagino que o tal leitor ideal dá uma outra face daquilo que eu pretendo dizer.

Folha - Mas é mais próximo de um

espelho ou é mais próximo de uma coisa viva, de alguém?

Cardoso Pires - É uma figura abstrata. Tenho a impressão que seria um outro lado de mim, uma outra face que eu procuro não excluir, porque penso que um escritor não anda a fazer nada neste mundo senão procurar a identidade. Procura identificar-se com o seu país, com a sua voz, com a língua. Penso que a escrita é isso, uma

identificação com o país, com a língua, com o próprio. No poeta, então, isso é mais nítido, a identificação do poeta é muito mais forte nesse sentido. É uma discussão permanente, porque quem não discute o país, não diz mal do seu país, não o ama. Há sempre um amor-ódio, que é o único à pátria possível.

Folha - Esse amor-ódio está lançado no "Alexandra Alpha"...

Cardoso Pires - O que eu pretendi neste livro foi exatamente pôr em questão a identidade do meu país. Eu penso que não há nenhum escritor que esteja plenamente identificado. No dia que estiver plenamente identificado, já morreu. De maneira que tentei pôr em causa um certo período da vida portuguesa e uma certa mentalidade, um vício histórico que Portugal adquiriu, uma certa frustração. Porque eu penso que o português mal nasce e já tem oito séculos. Não sei se isso é bom, é muito nascer com oito séculos. Quer dizer, nós temos de fazer uma recuperação histórica de nós próprios. Nenhum país pode estar contente com a história que tem, é preciso procurar as lições que ela deu. Todos os meus romances têm um objetivo de identificação, de procurar uma identidade. Eu procurei discutir a nossa identidade enquanto português.

Folha - Alexandra Alpha vai sair no Brasil. O que significa isso para você?

Cardoso Pires - A coisa toda é o seguinte. Os meus romances foram todos anteriormente publicados pela editora Civilização Brasileira. É muito importante para um escritor português ser publicado no Brasil, porque é uma outra parte da língua portuguesa, com uma outra visão e uma deslocação em relação à própria língua. Depois, eu penso que o Brasil é uma parte da identidade portuguesa também. Nas minhas relações com o Brasil, boa parte da minha cultura vem da ficção brasileira, desde o Sargento de Milícias e por aí fora. É evidente que eu tenho uma relação mais íntima com a América hispânica do que com a anglo-saxônica, que eu conheço me-

lhor. Por outro lado, tenho a impressão que no Brasil há um desconhecimento muito grande em relação a Portugal. Os brasileiros têm uma visão de Portugal um pouco folclórica. Durante meio século Portugal era representado no Brasil pela escória mental do país, os comendadores; o que não quer dizer que não haja um ou outro comendador que valha. Mas eles davam uma imagem de que depois de Camilo [Castelo Branco] e Eça não havia literatura portuguesa. Porque não havia a literatura que eles queriam. Porque eles não estavam dispostos a mostrar aos brasileiros uma literatura que os desagradava. Procuravam incutir no espírito do brasileiro uma idéia dum falso Portugal, amável, simpático, de corridinho e vira do minho [duas danças, uma do sul e a outra do norte do país].

Folha - Alexandra Alpha é centrada na figura feminina e não na masculina assim como os seus outros livros.

Cardoso Pires - Sim, são duas, a Maria, a outra face de Alexandra Alpha, a sua face pequeno-burguesa. Bom, eu não sei porque é que fiz essa opção.

Folha - Sua escrita problematiza, e isso é uma forma de intervir no meio social. Qual o sentido dessa intervenção?

Cardoso Pires - Bem, eu não sei. Custa-me um bocadinho... Por muito programada que uma escrita apareça, ela precisa ter honestidade. Para isso, uma grande parte da escrita precisa ser obra do acaso. Em toda obra ou criação há um fator do acaso. Porém, toda criação tem um lado de procura de sentido. Eu penso que não há nada neste mundo que não tenha interferência social, desde o Papa até o poema mais romântico. Quer dizer, quando eu discuto o problema da identidade, o tema em si mesmo é profundamente social. Mas eu procurei discutir as identidades dos indivíduos. Eu procurei formar os diversos rostos segundo cada pessoa. A automotificação é uma reação de defesa, porque o indivíduo só se mitifica quando sua identidade está em perigo. Há um

desdobramento sucessivo —claro que isso acaba pondo em causa uma certa fauna social, uma certa burguesia cultural, mas não é isso que faz a literatura. O Matisse dizia uma coisa que eu gosto muito, que é: "Eu não pinto as coisas, eu pinto as relações entre elas."

Folha - Você coloca no livro uma frase de Kafka: "as pessoas fotografam coisas para as afastar do espírito." O mesmo se aplica à escrita?

Cardoso Pires - Eu penso que isso tem toda a razão, que a pessoa escreve para se libertar. Se eu discuto a minha identidade, se discuto as minhas relações com o meu lugar e a minha hora, é porque eu não quero me identificar, eu não quero inventar-me e inventar uma sociedade para poder dar-me com ela, para poder existir. Se isso acontece, eu quero me libertar desses fantasmas que estão em mim, quero ficar com uma imagem clara, tão querida, tão viva e tão sólida que não precise de anotá-la. Em minha opinião, estamos todos em crise, acho que vamos estar toda a vida e espero que sim, desde que sejam crises promissoras.

Folha - Mas se são só promissoras, não são crise, não há risco.

Cardoso Pires - Eu penso que tudo se faz por crise, penso que nada se cria sem destruir. Se um escritor não romper a língua, não tem necessidade de existir. Eu às vezes penso que a primeira condição para escrever bem é saber gramática, e a segunda é esquecê-la.

Folha - E depois da identidade, qual o próximo fantasma a exorcizar?

Cardoso Pires - Neste momento eu estou a entregar ao editor um livro que vai sair no Natal, que é um bestiário. É um livro de contos, de fábulas. Não gosto de falar daquilo que não tenho pronto. Agora tem um livro que estou a fazer sobre mim, chama-se Cardoso Pires por Cardoso Pires, feito a partir de uma entrevista muito grande onde eu ponho estas coisas todas.

ALEXANDRA ALPHA - de José Cardoso Pires. Editora Companhia das Letras. 368 págs. Nas livrarias a partir de terça-feira.